Para as filhas mais velhas.
Vocês são vistas, são amadas e são *suficientes*.



CAPÍTULO UM

O riso de Magnus parece o zurrar de um burro.

Ele recosta-se na cadeira como se fosse um trono, gesticulando preguiçosamente para a empregada da taberna lhe encher o copo enquanto ele examina as cartas. Ela lança-me um olhar irónico e aproxima-se vinda do bar, com uma garrafa de vinho na mão.

A empregada é responsável por servir os dois homens.

Eu sou responsável por manter um deles vivo.

E, assim, todas as semanas, enquanto estou de pé neste mesmo sítio, concentro-me no dinheiro que vou ganhar. Dinheiro que preciso desesperadamente.

A lareira na parede à minha esquerda irradia calor, tornando os meus olhos pesados. Mudo de posição, com as botas a agarrarem-se ao chão pegajoso, enquanto me obrigo a permanecer alerta. A minha posição é uma escolha estratégica. Consigo ver quase toda a taberna *e* tenho a melhor vista para o relógio pendurado por cima do bar.

Quinze minutos e terei ganho dinheiro suficiente para uma ida ao apotecário. O meio frasco de tónico que deixei para Evren não é suficiente para aliviar a ansiedade que me atormenta dia e noite.

Magnus para de rir e ouço alguns suspiros de alívio dos clientes sentados nas mesas próximas. À esquerda de Magnus, Gaius acena para a empregada para que ela lhe encha o copo, revirando os olhos quando Magnus faz um gesto exagerado, derrubando de imediato o copo com o seu grande punho. O sinete de bronze da empregada brilha na sua testa e o copo endireita-se, com o arco do vinho a reverter de volta para dentro dele com um *splash*.

A empregada parece jovem o suficiente para que o seu poder ainda lhe pareça um presente inesperado que ela mal começou a desembrulhar.

Gaius estuda as suas cartas, franzindo as sobrancelhas. Quando estica o braço para a sua própria bebida, tenho um vislumbre das suas cartas.

Desiste.

Mas ele não o fará. Suspiro.

Eu costumava adorar este jogo. Adorava ser subestimada, deleitando-me com a maneira como conseguia roubar pilhas de moedas de jogadores que desconheciam a minha reputação. Quando tive idade suficiente para me sentar nas mesas das salas das traseiras das tabernas mais famosas de Thorn, já ganhava o suficiente para complementar o escasso rendimento da minha mãe.

Uma parte de mim ainda sente falta da emoção de estudar o meu adversário, de manter a minha expressão cuidadosamente neutra enquanto examinava as minhas cartas… mesmo sabendo que isso atraía muita atenção desnecessária.

Pelo menos cinquenta pessoas debruçam-se demoradamente sobre vinho, cerveja e comida medíocre. As mesas estão muito juntas, forçando estranhos a uma intimidade relutante enquanto disputam o espaço. É uma multidão típica para esta hora da noite — tarde o suficiente para que quem ainda está aqui esteja a relaxar após um longo dia de trabalho ou planeie ficar até à hora de fecho, sem vontade de voltar para casa e para a sua solidão.

Atrás do balcão, Yorick encontra o meu olhar. A sua cabeça careca proclama o seu estatuto livre de sinete. Abano a cabeça. Sacana teimoso. Não importa quantas vezes eu lhe diga que devia recusar a entrada de Gaius, ele insiste que não vai recusar um cliente pagante. É difícil para os mundanos ganharem a vida nesta cidade, e Yorick sabe disso melhor do que ninguém.

Um destes dias, aquela coleção de vinhos de alta qualidade de que ele tanto se orgulha vai acabar em pedaços no chão de madeira marcado — juntamente com a parede espelhada atrás dele. Os seus clientes habituais da última década verão a sua noite arruinada e a reputação dele será destruída juntamente com o seu vinho.

Outro olhar para o relógio. Dez minutos.

À mesa, Gaius ainda não desistiu. Magnus tem a melhor mão. Ele apresenta as cartas com um sorriso e Gaius pragueja.

Estico o pescoço. Se ele tivesse jogado de forma mais inteligente, poderia ter ganhado.

Os ombros de Gaius ficam tensos e ele volta a sua atenção para a porta. Todos os meus sentidos ficam em alerta máximo.

Quando ele me contratou, presumi que a minha presença era uma forma de exibir a sua riqueza e o seu sentimento de autoimportância. Rapidamente descobri que ele tinha bons motivos para temer pela sua vida. Se eu soubesse quantos homens tentariam matá-lo por dormir com as mulheres deles ou enganá-los nos negócios, teria negociado um salário muito mais alto.

Pelo menos, teria *tentado* negociar um salário mais alto. Tudo o que dizem sobre pássaros na mão é verdade.

Os olhos pequenos de Gaius estão atentos e o seu corpo magro fica tenso. A sua mão desliza por baixo do meu lado da mesa, enquanto ele mantém a atenção em quem quer que esteja a vir na nossa direção. Dois dedos batem na sua coxa.

Eu reprimo um revirar de olhos.

Este pequeno sinal é algo em que ele insistiu no início da nossa relação profissional. Aparentemente, para Gaius, olhar na minha direção seria uma admissão intolerável de medo.

Movo o meu olhar pela taberna até ao homem bem vestido que avança na nossa direção.

— Gaius Panthen — grita o homem, e os clientes saem da sua frente, oferecendo-lhe um caminho direto até ao meu cliente.

Ele é mais alto do que Gaius, e os seus ombros largos são musculosos. Eu diria que ele tem cerca de sessenta anos, mas move-se com a facilidade de um homem vinte anos mais novo. O seu sinete prateado estende-se pela sua testa, terminando no meio de cada uma das suas sobrancelhas.

Murmúrios espalham-se pelas mesas próximas. Os marcados por sinetes misturam-se com os mundanos na taverna de Yorick, mas não é habitual vermos um semicoroado de prata.

Um marcado com um sinete bronze recém-despertado mal consegue agitar o vento — apenas o suficiente para fazer as folhas deslizarem pelo chão. Mas, à medida que o seu poder amadurece, o mesmo acontece com o seu domínio sobre esse poder. Se tiverem a sorte de se tornarem coroados de bronze, esse mesmo vento pode arrancar o telhado de uma casa com um único pensamento.

Os coroados de prata e ouro estão a um nível totalmente diferente. Com um movimento do pulso, um coroado de prata poderia invocar um vórtice de vento e chuva —, enquanto um coroado de ouro poderia criar um tornado poderoso o suficiente para arrasar uma cidade inteira.

Uma onda de adrenalina invade todos os meus nervos. Gaius desiste de qualquer tentativa de fingir indiferença, lançando-me um olhar de olhos arregalados. Seria de esperar que alguém com tantos inimigos já tivesse aprendido a manejar uma espada por esta altura.

Atravesso a taberna a passos largos e Gaius segue-me.

— Orson Norcross — murmura ele.

Os olhos de Orson fixam-se no meu sinete e eu sei o que ele vê.

Potencial desperdiçado.

O seu olhar desvia-se de mim com indiferença e fixa-se em Gaius.

— *Tu*. — Os seus punhos carnudos cerram-se.

— Hum. — Yorick pigarreia, quebrando o silêncio repentino e Orson vira lentamente a cabeça. A mão de Yorick treme, mas ele aponta para o sinal na parede à sua direita.

Poder proibido.

Orson sorri com desdém e dá mais um passo na nossa direção, aproximando-se tanto que consigo sentir o cheiro do vinho no seu hálito.

— Não preciso de usar o meu poder — diz ele bruscamente. — Prefiro sentir os teus ossos a quebrarem-se sob os meus punhos.

Uma mão bate nas minhas costas e eu tropeço para a frente. Gaius *empurrou-me*. O covarde.

Orson mostra-me os dentes:

— Sai da frente.

— Sabe que não posso fazer isso. — Pelo menos, não nos próximos minutos. Se Orson tivesse chegado um pouco mais tarde, eu já estaria a caminho do apotecário.

O seu olhar desliza clinicamente sobre mim, demorando-se no punho da espada acima do meu ombro e nas facas amarradas às minhas coxas e bíceps.

— Eu sei quem tu és, campeã.

Fico tensa. Mais ninguém nesta taberna se dirigiria a mim dessa forma. Eles têm juízo. Mas Orson ergue uma sobrancelha, esperando pela minha resposta.

— A Arvelle *é* uma campeã — gaba-se Gaius atrás de mim. — A *minha* campeã. E vai matar-te se me tentares tocar.

É Gaius quem eu gostaria de matar. Tenho fantasias diárias em que enfio a minha lâmina pela sua garganta abaixo. Infelizmente, pobreza e desespero andam de mãos dadas.

Orson estuda-me. Um lampejo de divertimento passa pelo seu rosto.

— Estou a ver — diz, voltando a sua atenção para Gaius. — Posso não ser capaz de te matar *agora*, mas aposto que a tua pequena *campeã* não está contigo todos os minutos de todos os dias. — A sua expressão contém uma promessa sombria. — Estiveste com a minha mulher e vou fazer-te sofrer antes de morreres.

— Não esta noite — declaro.

Ele acena lentamente com a cabeça, sem tirar os olhos de Gaius, que se esconde ainda mais atrás de mim.

— Não — concorda Orson. — Não esta noite.

Ele sai da taberna com passos pesados, com os clientes a dispersarem-se no seu rasto.

O silêncio reina até a voz de Yorick ressoar pela taberna.

— Música! — exige e alguém começa a tocar uma melodia alegre, no instante em que o relógio na parede marca as quatro da manhã.

Finalmente.

Estendo a mão para a minha mochila debaixo da mesa.

— Não podes ir. — Gaius agarra-me o braço. — Não ouviste o que ele disse? Ele vai matar-me!

— Infelizmente, o nosso tempo juntos acabou esta noite. Tenta não fazer com que mais alguém te queira matar antes de te voltar a ver.

A mão dele aperta-se.

— Se pensas que te vou pagar…

Os nossos olhos encontram-se e a cor desaparece do rosto dele. Sei o que ele vê no deserto dos meus olhos e não é nada bonito. Lentamente, Gaius larga-me, enfia a mão na capa e tira uma moeda de ouro.

Eu tiro-lha da palma da mão.

— Vejo-te na próxima semana. — Se ele não morrer até lá.

Com a moeda na mão, puxo a capa sobre os ombros e saio para a noite fria.

A Lua paira pesada no céu acima da minha cabeça, mal perfurando uma densa camada de neblina. Esta parte da cidade não é a *pior*… mas está perto. Fog's Edge[1] recebeu esse nome, originalmente, devido à névoa pesada que se agarra às ruas aqui, envolvendo tudo numa nuvem húmida. Mas, há alguns séculos, um magistrado bêbado referiu-se ao bairro como um espinho[2] cravado na sua pele. O nome pegou.

Apresso-me pelas ruas de calçada desgastada pelo tempo e por milhares de botas. Memorizei o labirinto confuso de becos e atalhos antes sequer de ter idade suficiente para saber o meu próprio nome. Sei quais os bordéis que os coroados por sinetes gostam de frequentar, esgueirando-se por entradas discretas. Sei que tabernas atendem os vampiros com interesses mais sombrios. E sei quais as ruas que não me atreveria a percorrer sem correr o risco de ter a garganta cortada.

Risos cortam a noite, repentinos e agudos. Perto de uma fonte em ruínas no fim da rua, um grupo de jovens troca provocações, com os sinetes brilhantes nas suas testas a banharem os seus rostos de luz.

Viro à direita, mantendo os passos medidos, sem pressa, e a cabeça bem erguida. Dois guardas municipais atravessam a rua, com as suas botas de couro a baterem pesadamente a cada passo. O luar reflete-se nos seus capacetes de aço escuros com a insígnia da cidade gravada no aço.

Os peitorais de couro dos guardas têm o mesmo emblema gravado, assim como os punhos das suas espadas curtas. As capas azul-escuro anunciam a sua presença em qualquer multidão, enquanto as plumas escuras de crina de cavalo que se estendem do topo dos seus capacetes são um pouco ridículas.

Não sou tola ao ponto de chamar a atenção deles. Os guardas não andam a passear pelo Thorn porque estão aqui para nos *proteger*. Não estão aqui para investigar os recentes assassínios nem para garantir que os donos de lojas possam trabalhar sem medo de esquemas de extorsão e chantagem. Na maioria das vezes, são *eles* que enchem os bolsos com coerção e intimidação.

Encosto-me à parede e espero que se vão embora.

Em poucos instantes, eles vão-se embora e eu sigo o meu caminho. Ouço os sons de uma altercação à minha esquerda e olho para o beco.

[1] Limite do Nevoeiro [*N. da T.*]
[2] Thorn em inglês [*N. da T.*]

Há dois homens e uma mulher bem juntos, com a maior parte dos seus corpos escondidos nas sombras. A mulher solta um gemido baixo e as suas faces contraem-se enquanto chupa o dedo de um dos homens. As suas veias brilham vagamente através da pele, como um mapa destacado numa luminescência morbidamente bela.

Fulgor. É uma euforia de curta duração, mas popular no Thorn. Os olhos da mulher reviram-se e os seus lábios abrem-se em êxtase. O homem retira o dedo e sorri enquanto ela descai contra a parede de pedra. O seu olhar fixa-se em mim e ele pressiona o dedo no pó que tem na mão. Com um sorriso, levanta o dedo e acena para que eu me junte a ele, enquanto o fulgor brilha como uma estrela.

— Queres provar, linda?

A euforia vazia estampada no rosto da mulher é demasiado familiar e a bílis queima a minha garganta. Virando-me, continuo a caminhar pela rua, ignorando a gargalhada baixa e provocadora atrás de mim.

Como de costume, o apotecário de Perrin está aberto. E, como de costume, está quente e húmido, apesar do frio no ar lá fora. Entro, desato a minha capa e aceno em saudação para a mulher mais velha que está junto do balcão, com os olhos pesados de cansaço.

Quando Perrin lhe termina de medir um punhado de bagas para dormir, ela vira-se para sair e eu aproximo-me do balcão.

— Preciso de um tónico para os pulmões — peço.

Ele faz uma careta, mostrando dentes amarelados e tortos.

— Não posso. Uma pessoa comprou os últimos três esta manhã.

O meu estômago contrai-se. Essa *pessoa* deve estar realmente desesperada para comprar tantos tónicos de uma vez. Mas não me consigo importar com o seu infortúnio. Já tenho suficientes.

— Quando é que vai receber mais?

— A próxima entrega será só daqui a três dias.

Sinto o sangue a esvair-se do meu rosto. Perrin encosta-se ao balcão entre nós e suspira, com as linhas do seu rosto rugoso a suavizarem-se.

— Tenta o Golinth. Ele cobra dez por cento a mais, mas recebe entregas três vezes por semana do fornecedor dele. Deve ter *stock*.

— Obrigada.

Só que Golinth não tem *stock*.

E nem o apotecário seguinte, cinco quarteirões para oeste.

O pânico toma conta de mim. Alguém tem estado a comprar exatamente os tónicos para os pulmões de que o meu irmão precisa.

Todos.

Eu teria sabido se o Thorn estivesse a enfrentar um surto repentino de doenças pulmonares. Então, quem está a levar todos os tónicos? E porquê?

Quando chego a casa, o Sol está a nascer sobre a cidade a leste e o Thorn ganha lentamente vida à minha volta.

Neste bairro, as famílias estão amontoadas em prédios, com até cinquenta pessoas alojadas nos apartamentos — alguns deles com sete andares de altura. Um apartamento no rés-do-chão é um luxo e eu nunca o considerei algo garantido. Graças ao pai da minha mãe, pudemos crescer sem a ameaça de despejo.

A silhueta familiar da nossa casa aparece no meio das estruturas desordenadas da nossa rua. Escondida entre dois prédios mais altos, a fachada é uma mistura de pedra e madeira desgastadas, com hera a agarrar-se teimosamente às fendas na pedra, como se a própria natureza estivesse a tentar manter o edifício inteiro.

Por trás da porta de madeira escura, o meu irmão espera pelo tónico que eu não tenho.

O medo expande-se no meu estômago. Até este momento, o maior risco para a vida de Ev tem sido a nossa situação financeira precária. Tenho conseguido lidar com isso — com dificuldade — aceitando todos os trabalhos possíveis. Mas sem o tónico…

Evren está morto.

A minha cabeça gira e os meus pulmões estão tão apertados que quase não vejo o homem encostado à parede da minha casa, com o corpo meio escondido nas sombras. Pelo aspeto do seu elegante sobretudo e botas polidas, ele não é do Thorn. Os pelos da minha nuca eriçam-se.

— Quem é você?

Ele sorri, mostrando os caninos.

Vampiro.

Um vampiro antigo e poderoso, se o frio que emana dele servir de indício.

A tosse de Evren rasga a noite, audível mesmo através das suas persianas de madeira.

O sorriso do vampiro alarga-se:

— O meu nome é Bran. Sirvo o imperador.

O meu estômago contrai-se. Enquanto os poderes dos marcados por sinetes são visíveis e viscerais, os vampiros comandam o invisível. Dobram as sombras para encobrir os seus movimentos, criam ilusões que confundem a realidade, usam telecinesia para atacar sem aviso… Os seus poderes vão desde manipulações subtis e silenciosas até ao tipo de controlo avassalador que faz as suas vítimas questionarem tudo o que pensavam saber.

Mudo de posição, colocando-me firmemente entre o vampiro e a porta. Bran não pode entrar a menos que seja convidado. Mas pode tentar atrair os meus irmãos para fora.

— E o que quer exatamente, Bran?

O vampiro ergue uma mão pálida, revelando dois frascos de vidro com um líquido roxo vibrante. Todos os pelos do meu corpo eriçam-se.

Tónicos para os pulmões.

Mal me consigo conter para não me lançar sobre ele. Mas a minha velocidade não é nada comparada com a dele e a minha força é insignificante. E, se Bran serve realmente o imperador, é provável que seja ainda mais poderoso do que supus inicialmente.

Ele sorri, enrugando as faces, mas de olhos vazios.

— Acontece que preciso das tuas aptidões específicas.

— Não tenho aptidões. Sou uma guarda-costas ocasional. Só isso.

Ele ergue uma sobrancelha ao ouvir o meu tom monótono.

— E, no entanto, venceste o Areão há seis anos.

A minha visão oscila e mal consigo evitar apoiar-me na porta.

Vencer o Areão é perigoso. Eu fi-lo, porque não tinha escolha. No processo, anunciei a todos os que estavam a ver que era uma assassina treinada. Os nomes dos vencedores são do domínio público. E os assassinos são valiosos neste império.

O vampiro tem-nos estado a espiar. Sabe exatamente do que precisamos e é ele quem tem estado a comprar os tónicos. Tenho a certeza disso.

Os meus lábios estão a ficar dormentes:

— Tem de se ir embora.

Bran dá um passo à frente, a minha cabeça desanuvia-se e a minha pulsação estabiliza. Posso não ser capaz de o matar, mas posso fazê-lo sofrer antes de morrer.

Ele fica imóvel, levantando lentamente as mãos à sua frente, como se eu fosse um animal encurralado.

— Termina a Separação e eu salvo a vida do teu irmão.

Mais tosse vinda de dentro da casa, como que para realçar a oferta do vampiro.

— Não estou interessada.

— O teu irmão está muito doente. Mal consegues mantê-lo vivo.

A minha mão aperta o punho da adaga. Típico de um vampiro descobrir exatamente aquilo de que mais preciso e depois oferecer-mo como se fosse uma benevolência. Não é a primeira vez que alguém me tenta subornar para lutar. Mas não acontecia há anos. E nunca ninguém tentou fazer-me empunhar a minha espada pelo *imperador* antes.

Passar pela Separação é o ponto de entrada para a Guarda do Praesidium — formada para proteger o imperador, a sua família cruel e o Sindicato dos Marcados por Sinete.

Para conquistar a Separação, os gladiadores têm de entrar na arena do imperador três vezes no que é conhecido como o *tria proeliis*. Eu não sobreviveria à primeira entrada. Não luto há seis anos. Estou mais lenta e o meu tornozelo…

Abano a cabeça, observando o vampiro à minha frente. Isto não faz sentido. Milhares de pessoas treinam dia e noite por uma oportunidade de serem um dos cem gladiadores a entrar na Separação a cada temporada.

— Diga-me o que realmente quer.

Bran sorri, escondendo cuidadosamente os caninos. Um vampiro simpático e inofensivo.

— Vais sobreviver à Separação e, depois, quando for o momento certo, vais matar alguém muito importante.

— Quem?

O ódio brilha nos olhos de Bran.

— Vallius Corvus.

Uma gargalhada escapa-me antes que eu o consiga evitar. Isto tem de ser uma piada de mau gosto.

— O *imperador*? O homem mais poderoso e bem protegido deste continente?

— Eu vou ajudar-te a cumprir essa tarefa.

— Ah, tudo bem, então — digo. — Parece-me um bom plano.

Ele acena com a cabeça e depois semicerra os olhos.

— Sarcasmo.

— Olhe. Eu não sou uma assassina. Tenho a certeza de que conhece imensas pessoas muito mais qualificadas para essa *tarefa*.

Ele sorri, mas os seus olhos permanecem duros.

— Acredita em ti mesma e poderás alcançar quase tudo.

— O seu discurso motivacional precisa de ser melhorado. Quer que eu conquiste a Separação, me junte à Guarda do Praesidium e mate o homem mais poderoso deste reino em troca de um tónico para os pulmões?

Ele franze a testa para mim.

— Claro que não. Luta pelo imperador, mata-o quando for a altura certa e não só te darei estes tónicos, como também enviarei o teu irmão para os curandeiros em Nesonias.

Arregaçando a manga, Bran estende o braço, mostrando o pulso. Dois triângulos entrelaçados. A marca do imperador.

Os meus punhos cerram-se antes que eu os consiga controlar e não tenho dúvidas de que Bran notou. Nesonias é a única hipótese de cura para o meu irmão. É por isso que cada ação que faço tem como objetivo levar-nos a todos para o Norte. A marca de Bran prova que o vampiro pode facilmente garantir que Evren seja curado. Bastaria uma simples ordem.

Amargura invade a minha boca. Foi uma longa noite. Os próximos dias serão provavelmente piores. E o vampiro que me provoca com a vida do meu irmão é como uma mão-cheia de sal esfregada numa ferida já infetada.

— Nem sequer vou chegar perto do imperador. Se entrar naquela arena, morrerei.

— Acho que não — retruca Bran. — Vi-te lutar uma vez, campeã.

— Eu era mais nova nessa altura.

— Dá algum crédito a ti mesma.

Dói-me a cabeça. Só quero entrar, ver como estão os meus irmãos e dormir um pouco antes do pequeno-almoço.

— Se eu tentar espiar para si, se tentar matar o imperador, vou desejar estar morta. Se eu morrer, o que acontecerá aos meus irmãos?

— Eu garanto que o doente será curado. Completamente. Assim que o imperador estiver morto, libertarei os teus irmãos e poderás juntar-te a eles. Com dinheiro suficiente do teu tempo na arena para começares uma nova vida.

— Boa noite, Bran.

Os olhos negros semicerram-se e um arrepio percorre a minha espinha com a maldade no seu olhar. Quase consigo sentir os seus anos a pressionarem-me. Trezentos, pelo menos.

— Não é assim que as negociações funcionam.

— Isto não é uma negociação. Eu disse que não.

— Estás a matar o teu irmão.

Mal consigo esconder um estremecimento. O meu corpo inteiro fica quente.

— Ambos sabemos que serei um alvo ambulante por ter vencido o Areão há anos. Sou tudo o que os meus irmãos têm. Se eu morrer, eles também morrerão. Agora, afaste-se da minha porta.

O seu olhar pousa na minha testa e sei que o meu sinete se iluminou.

— Deve ser difícil — reflete ele. — Sentir a lacuna onde deveria estar o teu poder. Tornares-te uma gladiadora provavelmente ajudaria nesse ponto. Pode não te dar poder, mas dar-te-á respeito. — Guardando os frascos, ele sorri para mim. — Vou dar-te até à meia-noite para pensares nisso.

— Não preciso.

— Meia-noite — repete ele, como se eu não tivesse falado. Num movimento demasiado rápido para ser visto, ele desaparece.



CAPÍTULO DOIS

Não há sensação pior do que ver alguém que amamos morrer. A impotência corta-nos em pedaços. E a dor incendeia esses pedaços. Até não sermos nada a não ser cinzas.

A tosse do meu irmão rasga o silêncio da madrugada. Uma tosse ofegante, dolorosa, exausta.

Fecho a porta atrás de mim e pego no unguento, no tónico, nos cristais. Tropeçando contra a parede, praguejo e reoriento-me, indo em direção à porta dele — deixada aberta enquanto ele dorme exatamente para este fim.

Evren já está sentado na cama quando chego junto dele, com o corpo magro a tremer enquanto luta por cada respiração.

— Estou aqui.

Abro-lhe a camisa, espalho a pomada no seu peito e pescoço, dou-lhe um cristal para segurar, entrego-lhe o último tónico para os pulmões e começo a entoar.

Ele agarra o tónico, com os olhos tristes.

— Não podemos… pagar… isto — diz, ofegante.

— Chiu. Bebe, Ev.

Evren engole. Continuo a entoar, incitando o cristal a brilhar um pouco mais. A extrair um pouco mais de poder curativo.

Esfrego as costas dele e a tosse começa a diminuir. Cada respiração vai-se tornando mais profunda do que a anterior.

— Esta foi forte.

— Desculpa.

Ignoro aquilo:

— Achas que consegues descansar um pouco agora?

Ele acena com a cabeça, com os olhos já a fecharem-se. Quando se aninha na almofada, sinto-me tonta de alívio. Estes ataques estão

a tornar-se mais frequentes. E não nos podemos dar ao luxo de não termos mais tónico para os pulmões à mão.

A imagem da cara de Bran enche a minha mente, fazendo a minha cabeça latejar com uma raiva mal contida.

Espreitando pela porta do quarto ao lado, encontro uns olhos castanhos arregalados a olhar para mim.

— Ele está bem — garanto a Gerith.

A sua boca contorce-se. Aos catorze anos, ele já atingiu a idade em que não me deixa vê-lo chorar, mas os seus olhos estão inchados em algumas manhãs.

— Queres falar sobre isso? — pergunto-lhe.

Gerith abana a cabeça. Mas afasta a perna. Escondendo um sorriso, entro no quarto dele e sento-me na beira da cama.

Dedos compridos e finos acariciam o cobertor de lã.

— Alguma vez pensas em como seriam as nossas vidas se o tio não tivesse levado os teus ganhos?

Todos os santos dias.

Não consigo olhar para a mesa da nossa cozinha sem ver o bilhete que o meu tio deixou. A palavra *desculpa* tão oca como o espaço vazio no meu armário, onde eu tinha cuidadosamente escondido o dinheiro de que precisávamos para uma vida melhor.

Menos de um dia depois de eu ter ganho o Areão, o nosso tio tinha desaparecido. E o nosso futuro também. Um curandeiro para Evren. Uma casa pequena, mas confortável, na costa de Nesonias. Marisco fresco todos os dias. Legumes da pequena horta que eu aprenderia a cuidar. Uma educação. Não apenas para os meus irmãos… mas para mim também.

— Não adianta olhar para trás.

— Não estou a olhar para trás. Estou a olhar para a frente. — O queixo dele projeta-se. — Um dia, vou encontrá-lo e matá-lo.

— Não vais conseguir — digo-lhe, fingindo seriedade. — Porque eu vou encontrá-lo primeiro.

Gerith sorri, mas é um sorriso trémulo.

— Como é que ele foi capaz? Eu… eu não compreendo.

Claro que ele não compreende. *Eu* não compreendo.

— Ger…

— Arriscaste a tua vida para ganhar aquele dinheiro. Tínhamos tudo o que precisávamos.

— Não gosto de falar sobre aquela altura — digo.

Os seus olhos estão solenes.

— Por causa dela. E por causa dele.

A dor rasga-me como uma garra, roubando-me o fôlego. Ele não está a falar do nosso tio agora.

De vez em quando, acho que estou bem, que estou a seguir em frente com a minha vida e, então, ouço o nome dela. Ou lembro-me *dele*.

— Sim.

Gerith estuda o meu rosto.

— Um dia, quando for grande, vou lutar no Areão. Vamos conseguir dinheiro suficiente para curar o Ev. E vamo-nos todos embora.

O meu sorriso congela no meu rosto.

Morrerei antes de deixar os meus irmãos pisarem qualquer arena. Cada decisão que tomo tem o objetivo de os afastar de Senthara, onde as delícias do imperador não passam de uma memória distante. Mas sei que não devo dizer tal coisa. À medida que os gémeos foram crescendo, o seu orgulho masculino também cresceu.

— É hora de te levantares.

Ele acena com a cabeça e eu deixo-o para se vestir. Tirando as botas, mantenho a minha espada amarrada às costas, ainda… perturbada com o meu visitante vampiro.

Perturbada é uma boa palavra. Implica que me sinto ligeiramente inquieta. Um pouco desconfortável. Não com a boca seca, as mãos suadas e tonta de medo.

Os tónicos para os pulmões de Nesonias estão a manter o meu irmão vivo. O que mais está Bran disposto a fazer para me obrigar a obedecer?

Afasto esse pensamento. Estou habituada a estar à defesa. Faço-o todos os dias enquanto protejo o tipo de pessoas que fazem inimigos simplesmente por respirarem. Não gosto de ser reativa, mas sei que não adianta ficar a torcer as mãos, preocupada.

Se viajar para Mataras esta manhã, estarei de volta daqui a alguns dias. O apotecário de lá terá os tónicos de que precisamos. Tenho a

certeza. Detesto a ideia de deixar Gerith e Evren, mas duvido que o vampiro tenha esvaziado os apotecários das cidades vizinhas.

Entro na nossa pequena cozinha e abro a caixa refrigerada. O cristal dentro dela está opaco, e o éter que mantém a nossa escassa comida refrigerada emite um zumbido fraco. Depois de me reabastecer de tónicos para os pulmões de Evren e pagar os impostos cada vez mais altos do imperador, terei apenas o suficiente para encher os cristais de éter. Gerith precisa desesperadamente de um novo par de botas, mas elas terão de esperar.

Sinto uma pontada no peito. Ele nunca se queixaria, mas eu sei que os pés dele ficaram encharcados da última vez que choveu. Ouvi Evren e Gerith a murmurarem sobre isso quando pensavam que eu não estava a ouvir.

O leite acabou há dois dias, portanto faço as papas de aveia com água, temperando-a com uma pitada de sal em vez de açúcar ou mel.

Os gémeos estão a resmungar um com o outro num dos quartos, com as vozes abafadas pela porta. Nenhum deles gosta das manhãs. Quando se sentam nas cadeiras à mesa — Evren, pálido e abatido; e Gerith, estremecendo ao ver a papa rala —, a luz fraca do Sol entra pela janela. A primeira luz do amanhecer faz o cabelo loiro de Gerith brilhar, enquanto o cabelo de Evren é tão escuro que parece engolir a luz. Nascidos com apenas alguns minutos de diferença, não poderiam ser mais diferentes — tanto na aparência como na personalidade.

Quando Gerith vira a cabeça, fitas pálidas de luz do Sol tocam o seu sinete dourado num lampejo de brilho que desaparece quando ele se afasta do Sol. Os meus pulmões contraem-se e eu forço o medo a desaparecer. O meu poder pode não ter despertado, mas isso não significa que os meus irmãos irão enfrentar a mesma devastação. Eles não serão como eu.

Os marcados por sinetes nascem com poderes latentes, sendo o nosso potencial revelado pela cor dos nossos sinetes e pelo quanto eles crescem ao longo do tempo. Todas as crianças marcadas ganham algumas capacidades menores, como proteção básica, conjurar uma faísca com um movimento dos dedos, purificar pequenas quantidades de água ou acelerar o crescimento das plantas. Entre os onze e os quinze anos,

o seu verdadeiro poder emerge — às vezes, dois poderes, se forem excecionalmente dotados ou abençoados. Poucos recebem o poder concedido pelos deuses que adoram.

— Arvelle?

Forçando um sorriso, desvio o meu olhar do sinete de Gerith.

— Preciso de ir a Mataras hoje. Lembrem-se…

— Nós sabemos. — Ele revira os olhos com um sorriso. — Vir logo para casa, não falar com ninguém.

Alguém bate à porta. Gerith levanta-se, mas sabe que não deve e eu passo por ele. Visitantes tão cedo raramente são uma coisa boa. A minha mão direita alcança a maçaneta e a esquerda aproxima-se do punho da minha adaga, enquanto abro a porta.

Uma rapariga pequena e magra olha para mim. Caracóis loiros emaranham-se em torno do seu rosto infantil e vislumbro um sinete de bronze sob as madeixas que cobrem a sua testa. O seu sinete está ligeiramente estendido, o que significa que ela é provavelmente mais velha do que parece.

Quinze, talvez dezasseis anos.

Abro a boca para lhe dizer que está na casa errada, mas os seus olhos azuis, que brilham com a luz, olham para lá de mim.

— Chamo-me Sarai — anuncia ela. — Estou aqui para tomar o pequeno-almoço.

As minhas sobrancelhas erguem-se.

— Ah, estás mesmo?

A boca dela curva-se para baixo:

— Ele não perguntou?

Suspiro, lançando um olhar severo por cima do ombro. É impossível saber de quem ela está a falar, já que ambos os meus irmãos estão calados, com o olhar fixo no chão.

— Entra — digo-lhe.

Ela passa por mim antes que eu possa mudar de ideias, sentando-se ao lado de Gerith, a quem lança um olhar sombrio.

Ele encontra o meu olhar.

— Desculpa. Esqueci-me.

— Não faz mal. Prazer em conhecer-te, Sarai. Eu sou a Arvelle.

Ela sorri para mim, com todo o embaraço esquecido, até o ronco do seu estômago romper o silêncio.

As suas faces ficam vermelhas e todos fingimos que ficámos surdos. Entrego-lhe a minha tigela.

— Escolheste uma boa manhã para nos visitar, Sarai. Não tenho fome.

A comida de Sarai desaparece em instantes. Não lhe pergunto onde estão os pais dela, nem quando foi a última vez que comeu. Mas os seus braços magros envolvem a minha cintura quando retiro as tigelas vazias.

— Obrigada — murmura.

Em poucos minutos, eles estão prontos para sair. Os meus dois irmãos partilham um tutor com outras dezasseis crianças. Embora o tutor não tenha formação, ele próprio completou alguns anos de estudos e um dos nossos vizinhos sugeriu juntarmos algumas moedas todos os meses para lhe pagarmos pelo seu tempo.

Esta pode ser a única oportunidade que eles têm de receber alguma educação. Daqui a apenas algumas semanas, as suas horas com o tutor serão substituídas por horas de treino para o Areão. A menos que eu consiga encontrar uma maneira de nos afastarmos deste império, eles irão entrar na arena do imperador daqui a apenas alguns anos. Só depois de sobreviverem ao Areão é que poderão começar a aprender um ofício.

A minha boca fica seca. Evren está tão enfraquecido pela sua condição que mal consegue levantar uma espada.

Afastando esse pensamento, abro a porta.

— Obrigado, Velle. — Gerith sorri para mim. — Desculpa ter-me esquecido de perguntar sobre a Sarai.

— Não faz mal. Vai aprender alguma coisa.

Evren segue os outros. Não disse uma palavra, mas a sua tosse diminuiu e sei que ele ignorará qualquer sugestão para ficar em casa e descansar, portanto dou-lhe um beijo na testa.

— Porta-te bem.

Ele tenta um sorriso fraco, desviando o olhar para o chão. O arrependimento invade-me. Estas foram as últimas palavras que lhe disse

no dia em que a mina explodiu, matando todos os que estavam por perto. Evren estava longe o suficiente da explosão para escapar com vida, mas não com a saúde intacta. Os seus pulmões ficaram marcados e ele sente-se tolhido por saber que não devia ter estado perto da mina.

A culpa não foi dele. Ele tinha apenas oito anos e a nossa mãe tinha-me prometido que ia manter os dois em segurança. Mas nada do que eu diga ou faça diminui a culpa dele.

Vejo-os ir, empurrando-se e lutando enquanto desaparecem no Thorn.

Os cristais do chuveiro estão sem éter, por isso, a água está fria. Faço uma careta, recusando-me a lavar o cabelo até pagar para que os cristais sejam reabastecidos mais tarde. Depois, visto calças de couro, uma camisa justa e as minhas botas. Em seguida, pego nas armas e coloco uma capa grossa.

Felizmente, a fechadura da nossa porta ainda tem éter suficiente para manter o apartamento seguro. Não que tenhamos algo para roubar. Rodo-a, saio e começo imediatamente a tremer no ar frio.

Um dia. Um dia, iremos para o Norte. Para o calor e a humidade. Onde o meu irmão possa respirar mais facilmente e ninguém saiba quem eu sou. Onde eles possam ter uma educação adequada. Onde eu não veja fantasmas a cada esquina. Onde possamos começar de novo…

Enquanto isso, Fallon está à espera na pequena arena de treino do Thorn. E se eu não estiver lá para fazer comentários depreciativos sobre as suas capacidades com a faca, ela pode ficar excessivamente confiante antes de chegar a sua vez no Areão.

Sinto-me grata pela minha capa, mesmo com o Sol a bater-me no rosto. O Sol vai dissipar o pior do frio em poucas horas, mas a humidade permanecerá, como sempre permanece no Thorn.



Pelo menos dez pessoas estão a treinar hoje, todas elas cuidadosamente a ignorar-se umas às outras. Nada nos lembra melhor de que podemos acabar por matar o nosso vizinho, como praticar ao lado dele todas as manhãs durante anos.

Não sei por que trabalho com Fallon todos os dias. Ela disse-me uma vez que quer ganhar o Areão e juntar-se à Guarda do Praesidium. Pode ter as capacidades, mas não é uma assassina nata. E a Separação recompensa a crueldade.

Suspiro. Treino-a porque se a deixar por conta própria ela irá entrar na arena do imperador com o entusiasmo de um cachorrinho. E morrerá.

O seu trabalho de pés está a melhorar, mas ainda hesita quando é forçada a usar a mão esquerda para brandir a espada, como se o seu corpo lhe estivesse a gritar que o movimento não é natural.

— Estás a fazê-lo outra vez — digo-lhe.

Ela vê-me e pragueja:

— Sou quase tão rápida com a mão esquerda como com a direita.

— Quase não é bom o suficiente. — As palavras são amargas e eu forço-me a respirar devagar. — Mostra-me o teu exercício misto.

Com um aceno de cabeça ela vira-se, fazendo os seus longos cabelos ruivos voarem com o movimento. A sua espada varre o ar enquanto troca habilmente de mãos, mantendo o braço direito ao lado do corpo como se agora fosse inútil. Ela ofega, olhando para mim.

— Melhor. — Aceno com a cabeça.

— Queres lutar?

— Eu gostava, mas preciso de ir a Mataras. Só vim aqui hoje para te lembrar de que ainda és muito lenta.

Ela olha para mim irritada e os nós dos seus dedos ficam brancos em redor do punho da espada. No entanto, quando o seu olhar se desvia para trás de mim e as suas faces ficam vermelhas, não é difícil adivinhar para quem ela está a olhar.

Carrick.

Ele está encostado à parede, na extremidade da arena de treino, e, por um breve instante, vejo outro homem no seu lugar, com um leve sorriso nos lábios enquanto me observa a treinar.

Pestanejo e é apenas Carrick mais uma vez, com a prata do seu sinete a brilhar à luz do Sol enquanto ele afasta o cabelo loiro-acastanhado despenteado do rosto.

— Trabalha nesse exercício misto — resmungo para Fallon.

— Pensei acompanhar-te a casa — diz Carrick enquanto atravesso a clareira em direção a ele.

— Não vou para casa.

Ele cruza os braços.

— Então, acompanho-te a onde quiseres.

— Carrick.

— Apareceu outro corpo. Sem coração, tal como os outros. E não são apenas mundanos. Três pessoas com sinete foram mortas em três semanas. Duas delas desapareceram a meio do dia.

Mordo o lábio inferior. Isso faz nove corpos desde a primeira morte, há menos de dois meses. Não me surpreende que Carrick esteja a prestar muita atenção. Ele sabe tudo o que acontece no Thorn.

— O Evren e o Gerith…

— Estão com um grupo de amigos. Os que desapareceram estavam sozinhos.

— Está bem. — Viro-me e caminho em direção à estrada. Ele acompanha-me sem esforço.

Quem faria uma coisa deste tipo com as pessoas daqui? Retirar os corações sugere que há algum propósito ritualístico por trás dos assassínios, mas também pode ser apenas o insulto final de um criminoso perturbado.

Carrick toca-me com o cotovelo.

— Em que estás a pensar?

Conto-lhe os meus pensamentos e ele lança-me um olhar de apreço.

— Inclino-me para a primeira opção. Retirar o coração de alguém demora tempo. Causa sujidade. Mas os guardas recusam-se a investigar.

— Chocante. — Viro à esquerda, passando pela farmácia de Perrin e dirigindo-me para a rua principal. Anos antes, Kas e eu costumávamos colher flores no jardim dela e vendê-las aos nobres que viajavam por esta estrada de volta para Lysoria.

— Então — começa Carrick e eu preparo-me para as suas próximas palavras. Ele é tão previsível a esta altura que eu quase as poderia dizer ao mesmo tempo que ele. — Andas a sair com alguém?

— Tu sabes que não.

— E não achas que isso é uma pena?

Estamos a passar por uma padaria e o aroma quente e convidativo do pão acabado de cozer faz o meu estômago roncar.

Sem surpresa, as dores da fome não melhoram o meu humor já sombrio.

Semicerro os olhos para Carrick. A única razão pela qual ele continua com este tipo de perguntas é porque sou a única mulher que ele conhece que não cora e gagueja quando ele está por perto.

— Não.

Ignorando a expressão magoada de Carrick, penso em como chegar a Mataras. Os residentes do Thorn dependem de um sistema de favores e dívidas para obterem o que precisam. Leofric deve-me um favor e, como Harriston deve um favor a Leofric — e Harriston também viaja regularmente para Mataras para negociar couro —, espero que Leofric me arranje uma boleia na carroça de Harriston.

— Já se passaram *anos*, Velle.

E, num ápice, Carrick ultrapassou os limites. Cravo as unhas nas palmas das mãos, mas forço-me a abri-las.

— Para.

Carrick abana a cabeça para mim.

— Eu sei que vocês os dois gostavam de pensar que estavam destinados ou algo desse género. Uma grande história de amor. Tudo o que consigo ver é que ele te *deixou* e, em vez de seguires em frente, estás congelada no tempo.

As palavras dele cortam e fatiam, arrancando pedaços de mim. Os pedaços que preciso para funcionar.

É claro que tinha de ser exatamente hoje que Carrick iria decidir fazer o seu ataque. Acelero o passo, evitando por pouco um cavalo e uma carroça, enquanto o dono me insulta. Se não chegar junto de Harriston antes de ele partir, não terei como chegar a Mataras.

A minha cabeça gira quando Carrick me empurra contra a parede mais próxima.

— Ele *nunca*. Vai. Voltar.

Empurro-o contra o peito.

— Achas que não sei disso?

— Acho que parte de ti ainda tem esperança. — A sua expressão é angustiada.

— Então, não me conheces de todo. — Se alguma vez voltasse a ver Ti, teria de usar toda a minha força para não o matar.

Empurrando as mãos de Carrick para as afastar de mim, viro-me e volto a descer a rua.

— Alguma vez pensaste que talvez eu não queira *ninguém*? Estou bem assim.

Ele solta uma risada rouca.

— Bem? Não te vejo sorrir há seis anos. És dura e fria. Não podes simplesmente afastar todos pelo resto da tua vida.

A minha respiração falha. Carrick agarra o meu pulso, como um tubarão a cheirar sangue.

— A vida não precisa de ser tão difícil. Casa comigo e vamos embora. Levamos os gémeos e vamos para algum sítio quente.

Ele poderia tornar isso realidade. O pai dele é um dos residentes mais ricos do Thorn, mas Carrick nunca dependeu do dinheiro da família. Não, ele trabalha desde que tinha idade suficiente para sonhar em sair deste lugar.

Ele está a oferecer-me tudo o que eu quero. Só que eu costumava fantasiar ouvir essas palavras antes — há muito tempo, ditas por outro homem.

Sacudo o braço em sinal de aviso e Carrick larga-me com um palavrão.

— Não vou esperar por ti para sempre, Arvelle. Quero ter uma família um dia. Quero tê-la contigo, mas se estás decidida a definhar neste sítio…

Eu paro, afastando uma madeixa de cabelo escuro do rosto.

— Basta. — A minha voz sai mais fraca do que eu esperava. O problema de Carrick é que ele conhece-me demasiado bem. Sabe o quanto odeio este sítio. Sabe que sempre desejei ver os mercados de Hillian, a fortaleza de Direcliff, as Ilhas Sirensong.

Mas eu consigo ver exatamente como isto vai acabar. Ponho a minha confiança nele. Pior, confio-lhe os meus irmãos também. E não tenho forças para outra deceção. Quando tudo desmoronar, eu também desmoronarei.

— Tenho de ir.

Um músculo contrai-se no seu maxilar.

— Estás a cometer um erro.

Provavelmente. Às vezes, sinto que tudo o que faço é cometer erros. Porque é que isto seria diferente?

— Adeus, Carrick.

Ele franze a testa para mim, abrindo a boca.

— Velle!

Viro-me. E a sensação lenta e nauseante de desgraça toma conta do meu corpo quando encontro os olhos de Gerith. O rosto dele está tão pálido que parece cinzento, enquanto as lágrimas lhe escorrem pelas faces. Ele está ofegante, inclinado para a frente, sem fôlego de ter corrido.

— É o Ev.